

# Os trusts conduzem os E.E.U.U. para a guerra e o caos

Jornal Tribuna Popular  
29 dezembro 1945

Por James S. Allen

(Copyright INTER PRESS)

Em dois editoriais separados, o "New York Times" aborda a essência da política externa da Administração norte-americana, tal como está se desenvolvendo atualmente. Um dos editoriais endossa entusiasticamente a proposta do Presidente Truman quanto a conscrição. O outro, parte da feróz campanha anti-soviética deste país, termina da seguinte maneira: "A política dinâmica da Rússia só podemos contrapor uma política igualmente dinâmica de nossa parte. Porque somente uma política dinâmica pode criar uma base para contemporizações."

Uma vez dados os nomes às coisas, não é difícil descobrir o que está errado nas relações americano-soviéticas.

A política soviética só pode ser considerada dinâmica se com isso entendermos que é a defesa energética da segurança e a luta sem vacilações pelos acordos de Criméia e Potsdam. Está baseada na presunção de que a União Soviética deve desempenhar um papel igual junto com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na tarefa de assegurar a paz.

O dinamismo que a política externa de Truman está assumindo é de natureza muito diferente. Está baseado na suposição de que os Estados Unidos têm o direito de dominar os negócios internacionais e que o maior obstáculo que impede os Estados Unidos de tomarem a posição que lhes é "devida" é a União Soviética.

Esta política cada vez tende a reforçar mais a suposição de que os Estados Unidos e a União Soviética são forças mundiais irreconciliáveis. Entre elas, segundo esta suposição, uma compreensão duradoura é impossível, visto que todos sabem que a União Soviética não permitirá que qualquer outra potência a domine.

Conclui-se então que entre estas duas potências somente a força decidirá.

Ao dinamismo da União Soviética, que é o dinamismo da luta contra o fascismo e a luta pela paz, terá que se opor o dinamismo dos Estados Unidos, que é do tipo daquele que originou a tentativa fracassada da Alemanha de dominar o mundo.

É claro que as coisas não nos são apresentadas desta maneira.

A maior nação monopolizadora do mundo, os Estados Unidos, aparece como a pátria clássica do livre empreendimento, a procurar levar suas liberdades para os países assolados pela intervenção e controle do Estado.

Os Estados Unidos, os primeiros a desenvolverem e usarem a bomba atômica, aparecem indefesos diante de um mundo hostil empenhado em destruir a civilização.

Depois de fornecerem armas ao mundo anti-exista, e de num tempo record formarem um exército poderoso e a maior força aérea e naval do mundo, os Estados Unidos nos são apresentados como uma nação fraca e mal preparada, a precisar de uma força militar tremenda e permanente.

Depois de derrotarem sozinho o Japão, segundo nossos melhores peritos militares, e depois de seguirem a única política, assim nos asseguram, que desarmará o Japão para sempre, os Estados Unidos são apresentados como necessitando de uma rede de bases trans-pacíficas, um forte exército chinês sob seu controle, e suas próprias tropas na China — para proteção contra os japoneses.

Depois de construírem a maior área industrializada, o maior estoque de material

a maior concentração de capital na história do capitalismo mundial, os Estados Unidos são apresentados ameaçados pelos acordos econômicos da União Soviética com alguns países da Europa Oriental — acordos que visam o intercâmbio de mercadorias e que, no máximo, envolvem algumas poucas centenas de milhões de dólares.

Depois de prometerem ao mundo devastado pela guerra que nossas riquezas, aumentadas durante a guerra, auxiliariam a reconstrução, todo pedido de empréstimo torna-se imediatamente numa ocasião para especular privilégios especiais, ações, e também para que as portas se abram mais, a fim de que seja permitida a entrada dos gigantes corporativos americanos.

O Banco de Exportação e Importação, criado em 1933, com o propósito expresso de financiar o comércio com a União Soviética, fez empréstimos a dezenas de países, mas ainda não adiantou um níquel sequer à União Soviética.

Poderíamos mencionar muitos outros contrastes semelhantes.

Em linguagem simples, a Administração de Truman fracassou completamente na execução dos importantes compromissos de paz da política de Roosevelt, assumidos com o povo americano, e nossos aliados.

Nossa política está sendo dominada pelos adversários da política de Roosevelt e está se tornando cada vez mais o instrumento das 200 corporações que dominam a vida econômica de nosso país e que procuram moldar a política de nossa nação de acordo com seu programa anti-trabalhista e expansionista.

Os acordos solenes firmados na Criméia e Postdam vão perdendo sua importância, enquanto os objetivos específicos e as ambições de uma pequena clique vão se transformando na política prevalecente.

Relações de amizade com a União Soviética, a paz do mundo, a destruição do fascismo, o bem estar e a segurança da nação tornam-se objetos de considerações casuais apenas, concessões verbais ao povo e parte do jogo de engabelamento.

Foi numa atmosfera parecida com esta que a República de Weimar, da Alemanha — a aliança dos social-democratas, dos monarquistas e Junkers militaristas — tornou-se a geradora do hitlerismo.

Os Estados Unidos não são a Alemanha da República de Weimar. Não sofremos a crise profunda de todo um sistema social. É social. É provável que tal crise não se dê, a não ser que uma catástrofe econômica de após guerra abate o país, no meio de uma crise política mundial, tal como a que existe agora.

## AS PORTAS DA CRISE

A política da Administração de Truman está ajudando a preparar esta crise, a apressá-la, a torná-la mais profunda quando vier. Um recuo diante dos "vendilhões do templo" ameaça deixar a nação sem meios para resolver a crise, a não ser que seja resolvida de maneira reacionária.

Tal situação convida os vendedores ambulantes do fascismo a apregoar suas mercadorias no mercado, a desorientar o povo e a jogar com os preconceitos.

Nossa política externa pode ser modificada na luta contra os "trusts" e contra sua influência política.

Os sindicatos e as organizações do povo devem exercer toda sua força na luta por uma política externa, que significa agora uma luta pela paz e segurança econômica.